

OPINIÕES

Educação e mimos

Há mães que se convencem que dar mimos à criança, é consentir-lhe todos os caprichos, entregando-lhe para brinquedo todo e qualquer objecto, embora o mais inapropriado, para tal fim, permitindo-lhe que em tudo mexa e tudo revolvide a tudo destrua. Estas mães, não conseguem, de forma alguma, desideratum que tecem em vista, mas, em compensação, conseguem infelizmente, tornarem insuportável a criança.

A criança não é menos feliz porque lhe não permitem entornar o tinteiro, rasgar os livros que estão sobre a mesa, ou robar os pelo chão, abrir e fechar armários, brincar com os bichinhos que guardam as mesas e as estrelas, arremessar ao chão quanto aponta ao seu alcance, a começar pelo guardanapo e pelo argola do mesmo, tomado o pessimo hábito de arrastar pelo sobrado o que deve estar sobre as mesas, e vice-versa.

Ora é necessário não esquecermos que o chão é principalmente destinado aos pés, e que os pés calçados em botas ou sapatos que tanto pizam o sobrado como a rua, servem muita vez de veículo, aos mais perigosos micosios.

E quando não acarretem microbios, digame a leitora se julga higienico e limpo, arrastar pelo chão, o guardanapo, a argola, que o cinge, e todos os objectos que, destinados a permanecer sobre as mesas, devemos considerar um pouco mais aceitáveis do que a sola das nossas botas ou dos nossos sapatos.

A criança habita-se facilmente, sem a menor sombra de violencia, a obedecer; a respeitar tudo, quanto entendamos dever-lhe fazer respeitar.

E não será, por isso, nem menos risinha, nem menos alegre, nem menos meiga.

Dar mimo à criança, não é satisfazer-lhe todos os caprichos, disparatados ou não. Dar mimo à criança é falar-lhe sempre com carinho, é velar porque nada lhe falte, do que pode ser-lhe conforto e bem estar, é responder pacientemente a todas as suas perguntas, evitando os castigos corporais, procurando sempre convencê-la, da razão que nos assiste, nunca em pregando, para com ela, o direito do mais forte.

Ha mães que, pretendendo adorarem os filhos, e amam os como ninguém, os deixam destruir quanto lhes apeteça, preferindo desistir de conservarem a casa em ordem, a temer de proibir-lhes qualquer coisa, e que, no entanto, descuidam por completo a sua higiene, deixando a creada o cuidado de os lavar, de dar-lhes refeições, de os vestir, de os despir, de responder-lhes às constantes interrogações.

Sera isto dar mimo?

Ah! mas é que este mimo é bem mais fácil e simples de conceder, porque demanda bem menos carinho, bem menos cuidado, bem menos trabalho, permitindo delegar na creada tudo quanto representa um bucadinho de maçada; tudo quanto demande um bocadinho de vontade.

E convencem-se estas mães de que são realmente extremosas e sua cegueira sobe a ponto de censurarem as que não procedem como elas!

Desde que nasce, a criança requer cuidados constantes. A mãe, que saiba amar o filhito, começará por ornamentá-lo. E' esse o seu primeiro acto de verdadeiro carinho, o seu primeiro mimo para com a criança.

A GRACA ALHEIA

CAUTERIO:

O dr. Gistal, depois de um jantar com o espírito romântico Domingo, filho, pediu-lhe um improviso para o seu álbum.

— Com todo o gosto, responde o poeta, escrevendo na presença do médico:

Dénde que o doutor Gistal

Cura a todos sem mistérios;

Foi demolido o hospital...

— Interrompe o doutor, exclamando:

— Lisonjeiro!

E Domas acrescentou:

Pra fazer dois cemiterios.

REMÉDIO FRANCEZ

o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE

INVENTADO em 1808

VERGAEIROS

Grãos de Saúde

do Dr. Franck

(VÉRITABLES GRAINS de SANTÉ du DR FRANCK)

Em todas as Farmácias e Draparias

DEPOSITARIO:

J. BERNARD, 16, Rua das Esmeraldas, LISBOA

CANTOS POPULARES

O MEU AMOR

Fado-canção original de
Pereira Coelho, música de
Alves Coelho, cantado no
Cine-Teatro Farense, pela
aplaudida e distinta can-
tora Clotilde Castelos.

Não calculas, meu amor,
Como eu conheço a todos,
O ruído encantador,
Dos teus passos na calçada...

Tic! tic! tic! tic!...
Quando vens de madrugada.) bis

Como eu recordo os teus beijos,
O teu peito que eu adoro.
Teu colo dos meus desejos,
E os teus cabelos cor d'ouro...

E só parece impossível.
Mas nunca esqueço todes,
Pois é um inconveniente!
Desses passos na calçada...

Tic! tic! tic! tic!...
Quando vens de madrugada.) bis

Quando pouso o tacão,
Nas pedrinhas da calçada,
Eu sinto meu coração
Acelerar a pánica...

Tic! tic! tic! tic!...
Quando vens de madrugada.) bis

Passo horas de incerteza
Se não te sinto chegar;
Tenho tamanha tristeza,
Que nem lá posso contar...

E' prali fico sózinho,
Já lindos ouvir minha amada
O teu lindo sapatinho,
Nas pedrinhas da calçada...

Tic! tic! tic! tic!...
Quando vens de madrugada.) bis

A GUERRA

O bombardeamento do Fun-
chal apreciado pelo «Jour-
nal» de Paris

Depois de terem torpedeado os barcos ancorados no porto da Madeira, o que era um acto de guerra, os submarinos alemães passaram a bombardear a cidade durante duas horas. Ora, é preciso lhe dizer isto é o acto do barbudo que destroi pelo prazer de destruir. Não se trata sequer de prissiguir num fim de intipididade, como quando os zepelins prestejam semear o terror em Londres ou em Paris. Nemhum «boche» acreditará que o estado de espírito dos habitantes da ilha da Madeira possa influir na conduta geral dos aliaados. A autiga «lilha das Bem-aventuradas» não é somente «mais bela e mais incanteante dos jardins da Europa». É ainda uma espécie de imenso navio-hospital para os feridos do peito. Imagine-se uma cratera de verduira, emergindo milagrosamente do abismo dos mares violetas, erguendo às universas suas cumes azulados. As palmeiras e as bananeiras de África lá crescem a par das nossas macieiras e castanhais. Os jardins são «paradouros de glicínias, de rosas em grinalda, ile geraúmias de sangue vivo, sobre os quais cortam a neve os artúrios e as camelias, amarelos das bananas e das lumas doces, vermellão dos morangos e das cerejas. Os obuses «boches» devem ter tanta força por objectivo, as bandeiras das vilas por entre os jardins encantados, como passilhões de pavões ancorados no meio da folhagem. Ancoradis! Para sempre lá ficam ancorados que lá se abordaram depois de uma longa viagem. A Madeira é o porto das perseguidas pelo golpeante tísica; sobre o seuceu azul inscreve, em bandeirinha: Aqui se deixa a vida com decora. No ar fresco e durado como um violino de Chatapague um bafo muito, repido, irás ao visitante o aroma da tuba, aroma de frutos amadurecidos, e dos pulmões perigosamente atingidos, invisível inimigo da vida suinando para a morte. Os obuses «boches» ferão cair também sobre o cemiterio que domina a enseada, cerrado magistério onde as árvores secumbem sob o peso dos frutos. O visitante traipaço por entre a erva alta, cum marmore negro ou numa lage cinzenta. Curvamo-nos e temos um nome de criança ou de um oficial inglês. As datas variam em 1830 e 1850. Lembramo-nos de uma pedra anônia onde apenas se lê um verso de Sofocles sobre a dor de ver o sol... Foi isto que os submarinos do kaiser se entregaram a desfilar durante duas horas. Cada um divertisse-se como pôde...

Mauricio de Waleste.

POR ESSE MUNDO

A higiene das casas na Alemanha

O «Monitor do Império» publicou um projecto de lei que tem por fim principal regulamentar a higiene das casas e evitar a aglomeração de pessoas nas casas de residência.

Pelo mesmo projecto cria-se um corpo de polícia para inspecionar as casas e exigir a instalação dos melhoramentos que requer uma boa higiene.

Comissões locais exercerão a inspecção das casas e ou concederão ou negarão as autorizações para a construção.

A estas comissões reconhecem-se direitos de boa autoridade para os efeitos de penetrar e examinar o interior dos edifícios destinados a vivendas. Para as casas de operários assinam-se as condições que as habitações devem reunir.

Os sintomas da lon-
gividade

Em geral abusa-se, segundo vemos numa revista, falando-se dos sintomas de longividade.

Tal homem, talhado para hercules, parece fundamentalmente, na realidade, num dos seus órgãos essenciais, enquanto que um indivíduo achacado resistirá melhor aos ataques eventuais da doença, em razão do seu equilíbrio físico.

Vernér fixou assim os caracteres do indivíduo destinado a morrer velho:

O tronco é longo em conformidade com o coração, os pulmões e os órgãos digestivos, que são largos. Os membros são relativamente curtos. Sentado, o indivíduo parece alto. De pé parece baixo. A palma da mão é longa e espessa; os dedos curtos. As narinas desenvolvidas e largamente abertas, indicam pulmões espessos.

Os penteados da moda

De que à moda, além de extravagante e caprichosa não inventa nada novo, não cabe dúvida alguma. Cada dia isto se demonstra com mais evidência.

O doutor Lipssem, grande egíptologo, fez agora uma conferência em Londres a propósito dum recente descobrimento de mumias em uns enterros próximos das Pirâmides.

Entre outras coisas curiosas, disse e demonstrou, apresentando fotografias, que o penteado que adoptam actualmente as mulheres elegantes é, nem mais nem menos o mesmo que usavam as mulheres nos tempos em que foram enterradas as referidas mumias.

A fotografia do toucado destas e a do moderno de hoje oferecem perfeita semelhança.

Aquelas mumias são do tempo de Ramsés II, ou seja 1400 anos antes de Cristo.

O comboio volante

O almirante inglés Tudor, acompanhado por diferentes oficiais superiores da marinha de guerra, visitou em Londres o laboratório de mr. Bachelet, inventor do comboio volante.

Mr. Bachelet efectuou na presença dos seus visitantes uma série de experiências interessantíssimas, colocando sobre uma bobina uma placa de vidro sujeita por uma roda de metal. A roda saltou imediatamente e manteve-se suspensa no ar a uma altura de 30 centímetros.

— Era força nova — disse o inventor — transformar a face do mundo.

Por último, mr. Bachelet, para que os seus visitantes se convençessem plenamente da eficácia do seu invento, colocou uma criança de cinco anos em modelo reduzido do seu aparelho e, estabelecendo uma corrente, o vagão elevou-se e permaneceu suspenso no ar disposto a parir.

O inventor propõe-se realizar brevemente os seus ensaios com um comboio em um percurso de dois quilómetros.

Os jornais de Londres concedem extraordinária importância ao invento de mr. Bachelet.

O explorador Amundsen

Este celebre explorador projecia uma nova expedição ao pólo norte, que principiará em 1917. Será utilizado o «Fram», o mesmo navio em que Amundsen realizou a sua viagem á região antártica e que já antes servira o celebre Nansen. Na sua proxima viagem, o «Fram» poderá comunicar com a estação radio-telegrafica terrestre estabelecida no Spitzberg, que dista do pólo 1.650 quilómetros e cujo alcance é calculado em 1:000 quilómetros durante a noite.

Assim, o navio a bordo do qual vão os exploradores, poderá receber com regularidade informações de Spitzberg durante a larga noite polar e muito provavelmente também, ainda que com irregularidade, noutras épocas.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

A ALGUEM

Anjo bendito, virgem anorosa
no céo da tua angelical ventura
não vés a imensidão da amargura
que nos aflige, ó pomba caridosa,
espelho de candura...

Sorris! Como é suave o teu sorriso
nessa ingénua atração! Parece flor de
dessa boca a sair, ninho de amores.
Tu decreto não sabes iludir,
com modos tentadores

E's simples, meiga. Não tens arrogância;
todos gostam de ti. Tanta beleza,
consegue fascinar-nos, com certeza, e brilhantaria.
Não julgues isto alguma extravagância,

rainha da pureza...

Vives num trono de brilhante luz;
ninguém pode fixar esse clarão,
que não suita abrazar-se o coração
num sonho, num amor que se traduz,
numa eterna ilusão...

Ao ver-te assim, entre tal esplendor,
eu digo para mim só, num gemido:
— Quem me derá poder andar perdido,
ser ela a minha esperança, o meu amor,
e morrer iludido!

JAIME CUNHA.

PROSA

CONTOS E NOVELAS

A ULTIMA VIAGEM

(De J. Francés)

relojosoito e um taboleiro de oleado negro onde o chefe fazia garatuas.

Nada mais. Nem cantina nem flores as janelas do segundo pavimento, nem risadas de crianças ou sorrisos de raparigas como nas outras estações.

Ali não havia mulheres.

O descarregador era viujo, o agulheiro sofrera um terrível desengano enquanto andava na vida militar. Ele trazia mais de ganhar a vida do que em arranjar amores.

E assim passavam os dias, e as semanas, os meses e os anos.

Os três homens faziam-se velhos, esquecidos da vida, que a horas fixas passava ante os seus olhos numa vertigem de rostos malfumados, de militares, que diziam chutas as janelas das carruagens de terceira, e de alguns vultos inóveis e tristes, lá dentro, por detrás dos vidros embaciados, ou com a monotona lentidão dos comboios de mercadorias com os seus furgões simétricos de carvão e as suas jaulas, fétidas cheias de rezés de gatos languidos, caminhando para a morte...

Sempre o mesmo, a cada comboio, quer na escuridão fria da noite, quer à brutal insolência do sol! De inverno como de verão, idênticos gestos, episódios semelhantes, palavras iguais. O timbre do telegrafo anunciando a saída da estação anterior, o grunhido do carteiro, o resfolgar cada vez mais perceptível do comboio e a voz do Bento, o descarregador, ao longo dos vagons:

— Que sol!, sr. Alberto! — disse o descarregador.

— E' verdade — respondeu o chefe da estação.

— Ja fazia falta — comentou o agulheiro.

E não falaram mais.

O descarregador continuou deitado no banco e o agulheiro começou a picar uma ponta de charuto achada num compartimento do expresso. O chefe, que vestira um casaco de trabalho, começou a passar diante da casita branca, com sua cerca de tabras cintenzas, o poço a um lado e os vagons

Era triste encetar ali a sua juventude, estatimovel, perante a eterna mobilidade, mas a compensa-lo tinha garantida a sua honradez, o seu leito e possuia um flamante jaquetão azul com botões dourados, que o enobrecia, que o dignificava a seus próprios olhos, fatigados de, por tanto tempo, olharem o incerto vulto da sorte.

Os primeiros dias foram facéis e breves.

Tudo tinha para ele o encanto das coisas novas, a variedade de comboios, o orgulho de passar diante dos viajantes o seu flamante uniforme; as historias do povo contadas pelo agulheiro, e pelo Bento, entremedas de pragas e exclamações pitorescas... Mas depois, logo que viu a sua vida feita relogio, quando comprehendeu que, fatalmente, necessariamente, os factos diarios haviam de repetir-se sempre, sabidas já as historias do povo, enfermou do mesmo mal do Bento e do agulheiro, tornou-se silencioso, permanecendo mudo, pensativo, em largas meditações, entre o comboio correio das 2 e 30 e o mixto das 4/5; desde que desaparecia a ultima pluma de fumo do expresso até que, duas horas depois, às 6 e 29, chegava o comboio de mercadorias.

A sua resignação era como a do vagabundo, que se estende no chão e contempla o céu; como a de um luctador, que sentisse exgoradas as forças sob o peso de um rival. Já não era mais do que uma coisa que fazia numeros, que trabalhava ao telegrafo e que vestia e despia o jaqueta azul com botões de ouro.

Mas aquela manhã de Julho sucedeu um facto que - sendo vulgar e comum, lhe pareceu insolito e inaudito. Numa das carruagens de 1.º do correio das Asturias, vinha a jaleira uma menina loira e pálida, que sorria; tinha os olhos muito azuis e a pele muito branca.

Chamou-o com a máosinha enluvada, perguntando-lhe:

— Que estação é esta?

— Abulia, menina! — disse-lhe o homem.

— Como?

— Abulia.

Ela propôz-se a rir. — Abulia! Que nome tão feio! Devem aborrecer-se muito aquí! — Por dérrez dela apareceu uma senhora:

— Então, menina, não sejas louca! Desculpe, sr. chefe!

Alberto levou a mão ao bonet.

— Não ha de quê, minha senhora.

Ele sentia-se tonto perante aquela juventude alegria da menina loira e palida: E ela, sem reparar, apontando com a mãozinha cinzenta o pôco:

— Olha, mamã, que bonitas galinhas!

Pio!... Pio!... Passava tempo. O chefe não viu que tinha decorrido o minuto regular... A máquina apitou. Soaram duas campainhas e lá de uma carruagem de 3.º, uma voz aguardada interrogou:

— Ficámos aquí de molho?

— Por fim, o Bento aproximou-se do chefe, assombrado de semelhante esquecimento:

— Senhor Alberto, então?

— Sim! Dá o sinal — respondeu este, com um suspiro.

A sineta vibrou, a locomotiva atroou os ares com o seu silvo vibrante. Houve um chocar de ferros e o comboio saiu da estação. A uma janelas, a máosinha cinzenta despedia-se das galinhas:

— Adeus! Galinhitas! Adeus!

Alberto permaneceu muito tempo imóvel na gare, sem recordar-se de que tinha que despir o seu jaquetão, riscar uns traços brancos no oleado negro e fazer vibrar o timbre do telegrafo. E, pela primeira vez, desde que era chefe de estação, comprehendeu essa coisa tão brutalmente triste que é a partida de um comboio...

III

Desde então não viveu só para o horário dos diversos comboios: Viveu para dois momentos anuais de infinita alegria e de suprema tristeza:

Em princípios de julho passava a menina loira e palida, no correio das Asturias; lá talvez para alguma praia brumosa... Voltava em fins de Setembro, levemente morena; regressava talvez a alguma das cidades de Casela...

De onde vinha? Para onde ia? Como se chamava?

Em cinco anos mudara muito. Fizera-se mulher; o seu rosto e os seus gestos adquiriram certa seriedade, certa suave melancolia, bem distintas do bulício infantil que mostraria na primeira viagem: Era sempre só com sua mãe no compartimento reservado às senhoras.

Alberto pensou nos homens que aquela jovem encontraria no seu caminho, na preferencia que talvez concedesse a algum, no casamento provável...

E uns ciúmes impetuoso, irreflexivos, loucos, fizeram-no chorar desesperado, durante as largas noites de inverno, em que a neve bloqueava a estação.

Uma vez não conseguiu conter-se. Foi ao passar o comboio correio, descendente, um dia de Julho esplendoroso e alegre.

Ela ia debrucada como sempre à portinhola. Alberto aproximou-se e, quasi sem saber o que fazia, interrogou-a assim:

— V. Ex.ª chama-se Maria?

Ela olhou-o admirada e a sorri:

— Não! Porque?

— Loucuras! V. Ex.ª não se recorda ter-me perguntado, há cinco anos, como se chamava esta estação? Pareceu-me que a sua mamã, nesse momento a tinha tratado por Maria...

— Ah! Sim, recordo-me. Mas não! Eu chamo-me Izabel.

— Ah!

Nada mais conseguiu dizer. Bento deu a saída, segundo linham combinado de antemão, para não faltar ao regulamento e o correio das Asturias desapareceu na volta rápida da linha a caminho do túnel...

IV

Primeiro houve um alarmante campanhar do telegrafo. Depois chegou um homem a cavalo e gritou:

— Um descarrilamento!

O correio das Asturias descarrilou ao quilometro 517. Havia mortos e feridos...

Chora a cantaros.

Alberto correu ao telegrafo para anunciar a triste nova à estação-mediata. Assim, de uma povoação a outra correu o grito de angústia, sob a chuva torrencial e triste.

— Como foi isso?

— Um desabamento de trincheiras.

A chuva...

O crepúsculo adiantava-se com o mau tempo. Anoitecia rapidamente. Alberto agarrou as rédeas do cavalo e exclamou:

— Salta!

O homem olhou-o estupefacto.

— Mas senhor!

— Salta! — disse-lhe. — E disse de tal forma que o homem obedeceu. O chefe da estação montou a cavalo e, sem despedir-se, partiu como um raio.

Foram carreira louca e desalentada, devoradora do espaço, através da noite lugubre. O animal resfolgava, arquejante. Alraz ficavam os postes, vibrantes e sonhos, que transmitiam palavras de hope e de esperança; Alberto repetia o nome adorado: Isabel! Isabel! Isabel!

Por fim, chegou.

O comboio jazia deslocado à bordo do caisismo. Os primeiros vagões, a locomotiva e a ambulância do correio estavam transformados numa massa conjusa e indefinível. Lanternas, luzism, amortecidas; ouviam-se lamentos; sombras moviam-se...

Alberto desmontou e correu rapidamente para os vagões de primeira classe.

Abriu caminho, aos encontros, tropeçava com homens que conduziam feridos, com trabalhadores que tentavam levantar madeiros, com gente que rebuscava, ansiosa e afiada, à luz sangrenta das lanternas, sangrentos despojos de vítimas...

Aproximou-se de um guarda civil.

— Ha mortos? interrogou em delírio.

— Muitos!

Eram momentos de horror e confusão. Ninguem se entendia. Gemiam feridos e a chuva implacável continuava incessantemente...

Sem saber como, Alberto encontrou-se com o corpo de Izabel, que dois homens transportavam. Era muito pálida, mais pálida do que nunca. Na fronte branca revelava um fio de sangue que lhe manchava a calhecia loira.

— Izabel! Izabel! Esperem!

— Esia morta?

— Parece! Disse um dos homens detendo-se.

— Mal empregada! Que era muito linda! Comenou o outro.

Alberto ajoelhou, louco de angústia, pegou numa das mãos que arrastava pelo lodo sangrento, uma daquelas máosinhas, que se agitavam cinco anos antes despedindo-se de Ahulia, pela primeira vez, e levou-a com as suas lagrimas desesperadas...

LYSTER FRANCO.

Lá por fora

Os ovos na China

A industria dos ovos na China é de uma grande importância.

Esta industria consome diariamente 3:400 duzidas de ovos produzidos nas províncias de Chantung, Tchili e Honan. A industria chinesa dos ovos exporta para Alemanha, Sibéria e Persia.

Honra aos velhos

De Paris noticiam que se realizou em Monilcon um banquete, tendo por fim reunir a uma mesa os 25 casais mais velhos da região. Os 50 velhos dos dois sexos, convidados, somavam em anos, entre todos, 40 séculos.

Presidiu ao banquete Luiz Gouton, de 90 anos, decâo dos operários metalurgicos de França. Ha muito tempo que não irabala e que vive com os netos. Tem uma barba branca que lhe chega aos pés

A Elegante

Rodolfo Silva

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azuis para vestidos genero tailleur, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Péles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saidas de Teatro, Baile, etc,

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da província.

Rodolfo Silva

NOTICIARIO

De visita a sua irmã sr. D. Maria das Dóres Sergio Abreu Marques e a seu cunhado sr. Francisco de Paula Abreu Marques, esteve em Faro a sr. D. Ana Fernanda Sergio de Faria Pereira, residente em Tavira.

Regressou a Setúbal o quintanista do liceu daquela cidade sr. Manuel Renato de Figueiredo Corvo.

Partiu ontem para Lisboa afim de continuar os seus estudos de Belas Artes, a sr. D. Maria Alexandrina Pires Ferreira Chaves. Acompanhou-a sua tia sr. D. Amélia Chaves.

Viu em Faro o distinto poeta sr. dr.

Camilo Guerreiro.

Está em Lisboa o nosso preso amigo sr. João Bárbara, digno Comissário de Polícia e administrador do concelho de Faro.

Já regressaram a Faro os estudantes das várias escolas de Faro, que tinham ido passar as férias com suas famílias.

Vimos em Faro o preso amigo sr. Humberto José Pacheco, digno administrador do concelho de Loulé.

Esteve em Alhufeira, onde visitou a Sociedade dos Artistas, culeando muitas impressões, o nosso reporter sr. João Bazine Nogueira Correia.

Vimos há dias em Faro o sr. Visconde de Estoi.

Ja regressou à sua casa em Lisboa o sr. Visconde de Sanches de Baena que se encontrava em Lagos.

Accompanyhado de seu filho Francisco, esteve nesta cidade a sr. D. Umbelina de Matos Parrêira, de Tavira.

O distinto musicista sr. dr. José de Paula foi nomeado vogal do Concelho da Arte musical, no Conservatório de Lisboa.

O 1.º tenente sr. Branco e Brito, foi autorizado a ocupar o cargo de professor de ciencias do liceu João de Deus em Faro, com o que exerce no departamento sul.

Esteve em Faro o sr. António Pereira de Lima nosso preso amigo.

Foi declarada sem efeito a nomeação do sr. dr. Bernardo de Sousa Brito para juiz em Silves, e colocado em Tomar.

Em Silves foi colocado o sr. dr. Abel Franco que se encontrava naquela cidade.

Tem estado no Algarve o sr. Rafael Pereira e Hogan Teves.

Em Portimão e em Lagos tem sido reduzida a iluminação pública na parte que é vista do mar, no propósito de acender qualquer surpresa de submarinos como fizeraam na Madeira.

Confereu-se baixa com o sr. ministro da marinha na capital de mar e guerra, sr. D. Bernardo da Costa chefe do departamento marítimo do Sul.

Acompanhado da sua esposa tem estado nesta cidade o sr. António Bernardo dos Santos Serpa, que ha tempos se encontra em Lisboa a prestar serviço na Comissão Central Executiva da lei da Separação.

Foi deferido o requerimento da camara municipal de Vila Nova de Portimão, para construir um edifício destinado à instalação eléctrica para a iluminação da vila, no local compreendido no talhão do cais, entre a Avenida da Ponte e o mercado do peixe.

Confereu-se baixa com o sr. ministro da marinha na capital de mar e guerra, sr. D. Bernardo da Costa chefe do departamento marítimo do Sul.

Foi deferido o requerimento da camara municipal de Vila Nova de Portimão, para construir um edifício destinado à instalação eléctrica para a iluminação da vila, no local compreendido no talhão do cais, entre a Avenida da Ponte e o mercado do peixe.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, Oomingo, 7—D. Maria do Carmo Viegas Gago, D. António Vaz Velho da Palma Carlos, D. Julia Amandos Xavier, Antonio José Lopes e Augusto Carlos Ferreira.

Segunda-feira, 8—D. Ana de Glória Oliveira, D. Clara da Purificação Santos, D. Dulce Ferreira Gomes, João Batista Ferreira e José Vieira de Souza Ponte.

Terça-feira, 9—Luiz Valério Pereira, D. Eduarda da Souza Reis, Basílio José Tavares, António Eusebio Pereira e Domingos Vieira Mirio.

Quarta-feira, 10—O. Bernardino Moreira Palma, D. Lucinda Rós de Carvalho, José Manuel Ferreira e Alfredo de Souza Dias.

Quinta-feira, 11—D. Beatriz de Sousa da Costa Madalena, D. Apuréia Santos-Eusebio, D. Inácio Corrêa, José Antônio Paixão, Alberto das Chagas Pinheiro e a moça Maria das Dores Mendes Coelho.

Sexta-feira, 12—D. Maria da Souza Carmo, D. Julia da Cunha Vieira, Joaquim Pedro Ferreira e Domingos Gomes Ferreira.

C. SANTOS, LIMITADA

Lisboa—Rua Nova do Almada 80-2°.

Telefone—n.º 695

telegrams—Boamenal

OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia produzida pelo emprego constante metódico do OILDAG, de mistura com óleo, nos motores de automóveis é tão sensível que economiza alínea, sem risco de desastre, que a economia do óleo atinge, por vezes, 50% do consumo primitivo.

Em motores de lubrificação automática embora os fabricantes aconselhem a limpeza do motor depois de um determinado percurso não ha risco de gripagem fazendo só o consumo depois de um percurso dobrado ao aconselhado por esses fabricantes.

Em motores cuja lubrificação é por

barbotage a economia não sendo tão sensível atingindo entre 30% e 40%.

Todos os resultados obtidos com o OILDAG são verificados em absoluto ao fim de 1000 a 1500 quilômetros, mas é visível o aumento de compressão dentro dos cilindros e menor consumo de gasolina no fim de 100 quilômetros.

Economia que atinge por vezes 15% a 20% do consumo primitivo.

Experimento OILDAG é usado a todos os automobilistas no rota no seu próprio interesse, um pede a título de experiência, que muito gostosamente satisfazem.

VELAS "REFLEX,"

Estas velas são, pela sua especial fabricação, Infalíveis, assegurando um trabalho constante mesmo em motores que por serem queimam muito óleo.

Ela própria, automaticamente se

limpa. As velas REFLEX são portanto sempre mais baratas: São, por consequência, 50% mais baratas.

Cada 1200

AUTOMOVEIS

MAXWELL

O carro de conveniencia. O verdadeiro carro utilitário.

Poco de passageiros.

Todos com iluminação, busins e missa-marcha eléctricas de dia.

Pneus Michelin O melhor

KLAXONS, VULCANIZADORES E TUDO QUE POSSA INTERESSAR OS SENHORES AUTOMOBILISTAS

Thermold—SEMPRE EM STOK

STUDEBAKER

O carro de turismo, por excelencia! O rei das carroças americanas. O maximo conforto. Carros com todos os confortos.

11 as 14, provisoriamente na Travessa Rebolo da Silva 3-5—Faro.

JOSÉ FILIPE ALVARES

MÉDICO CIRURGIO

Especialidades: doenças dos olhos e tuberculose. Clínica geral, e operações.

Consultas todos os dias úteis, das 11 as 14, provisoriamente na Travessa Rebolo da Silva 3-5—Faro.

CONSULTAS GRÁTIS A POBRES

História de Portugal

pór
A. Herculano

Sexta edição definitiva e

Ilustrada, em 8 volumes

Dirigida por
David Lopes

Safram os volumes I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII

Preço do volume avulso \$80
Assinatura da obra completa \$500

História de Portugal—por Alexandre Herculano.—Sexta edição definitiva conforme com as edições da vida do autor, dirigida por David Lopes, ornada de gravuras e mapas históricos executados sobre documentos autênticos, sob a direção de Pedro de Azevedo.

8 volumes—\$700.

RAMALHO ORTIGÃO
«Pela Terra Alhelha»—Notas de viagem—Tomos II 50 cent.

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA
«A Minha Terra»—Auto de Junho 2, edição 30 cent.

A Minha Terra VII.—Os namorados—Poema de António Corrêa de Oliveira—Desenho de António Carnéiro.

Literatura contemporânea—Antero de Figueiredo—por Fidilino de Figueiredo—1 vol. 20 cent.

Formulário ortográfico—conforme o plano de regularização e simplificação da escrita portuguesa, extraído do Vocabulário ortográfico e remissivo de A. R. Gonçalves Viana—5 cent.

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Livraria Bertrand

O que todos devem saber

ASSINATURA PERMANENTE

EDITORES

ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA LTD.

133, Rua dos Poetas de S. Bento, 133

LISBOA

Figurinos, jornaes de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Assinaturas para todos os jornaes romances nacionais e estrangeiros

Aviso importante

Quem quer requisitar a este livraria será rapidamente atendido. Todas as pessoas que desejarem algum artigo deste catálogo devem mandar a sua importância em vale, do correio. Se não houver na casa os livros que requisite, pode-se imediatamente aos editores.

ALUGUER DE LIVROS
Todos os alugueres deixam em depósito a importância do livro alugado. Quando o resultado deixar 20 por cento, o receberão o restante da importância que depositaram.

Façam todos os pedidos ao livreiro

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Livraria das Novidades

Rua da Marinha, 15

FARO

Franco do porto

A BRAZILEIRA

—DE—

JAYME A. BUZAGLO

Especialidade em café, leite, bolos, Bebidas nacionais e estrangeiras etc. etc.

RUA DE SANTO ANTONIO, n.º 10, 12 e 14

FARO

Recebem-se estudantes

Optimo alojamento com luz

propria, excelente mesa.

Preços módicos

Rua Manuel de Arriaga n.º 19

(em frente do Liceu)

FARO

"A ELEGANTE," RODOLFO SILVA

Loulé

O estabelecimento cujo sortido primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.

Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da província sejam endereçados a

Rodolfo Silva—Loulé

CORÓNHEIRO

E TORNEIRO

João A. da Cruz Junior, coroneiro militar, encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos que digam respeito à sua arte.

Rua da Cabanita, 35 FARO

FÁBRICA INDUSTRIAL E DE MAIO

SERRALHARIA MECÂNICA E CIVIL
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

Almada, 16, Faro, 1000 Lisboa

DE

MANOEL CARVALHO

QUO INVENTO D. MENIQUE, 190

FARO

Construção de poços Artesianos—Vendem-se materiais para as mesmas

Esta casa, que é no genero a primeira da província do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecânicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior leveza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, máquinas de desbuchar milho, colunas, tubaria e todos os utensílios agrícolas.

Ninguem deve de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fábrica

Instrução Secundária e Profissional

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Química Elementar (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22×15cm com 122 gravuras. (PREÇO: —150)

Obra útil e recomendável a todos os que desejam instruir-se nesta ciéncia: as teorias químicas são metodicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descritiva, é rica e indicação de experiências atraentes e preparações de verdadeiro interesse, a vida prática; e os problemas fundamentais da química elementar estão cuidadosamente tratados em segredo especial acompanhados de modelos literais e exemplificações económicas da disposição dos cálculos. Este compêndio contém as matérias dos programas oficiais para o ensino da química em todos os institutos de instrução secundária e profissional, e foi adotado em seguida à sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Comercial de Porto, e em diversas escolas normais, industriais, comerciais e agrícolas, configurando a ser o compêndio preferido por distinatos professores.

Lectões de Física do curso geral dos liceus e escolas normais (13.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22×15cm com 402 gravuras. PREÇO: —140

Este compêndio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso de 1899, e seguidamente mandado adotar em todos os liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no Diário do Governo n.º 261 do mesmo ano. Foi novamente escolhido para o ensino, no curso geral dos liceus pelo Comissão oficial no concurso de 1909 (D. do G. n.º 182), e revolvida e sua aprovação em 1912 pela Portaria de 2 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionário que substitui a presença do professor e facilita a revisão das matérias estudadas. Além disso, também no fim de cada lição, em cuja matéria poderá ter lugar aplicações numéricas, encontram-se enunciados problemas muito lacios que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assuntos da respectiva lição.— seu método essencialmente didático e palestino, e o seu conteúdo essencialmente experimental e pole seu caráter elementaríssimo, este compêndio possui particular vantagens para se adquirirem assim lições bem difundidas nas primeiras noções da física, encontrando-se, por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e as cursas das escolas normais, mas também ao curso ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriais e de comércio e agrícolas.

Tratado de Física Elementar (11.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22×15cm com 752 gravuras. PREÇO: —200

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso de 1895, e seguidamente mandado adotar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no Diário do Governo n.º 118 do mesmo ano. Foi novamente o único livro proposto para o ensino secundário complementar pela Comissão oficial no concurso de 1908 (D. do G. n.º 182) e revolvida a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente acomodada à revisão geral da física nos liceus de barreira com as instruções que acompanham os programas de curso complementar, pois, além das matérias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contém as matérias das classes anteriores, e termina com uma desenrolada e metódica coleção de 27 problemas numéricos abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que têm sido preferidas em concursos oficiais de liceus de ensino e que estão vulgarizadas em Portugal e no Brasil, acompanham os progressos das ciências físico-químicas encontrando-se atualizadas com a inserção das deuixuras sobre as modernas e importunissimas descobertas, tal como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos ou raios X, das correntes do alto-trenguecchio, dos rádiocomunicadores, da telegrafia sem fio, e da rádio-atividade. Os principios e judgamentos teóricos, as experiências demonstrativas, as aplicações práticas e os problemas numéricos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua característica clareza e a moderna orientação pedagógica, tornando-os simultaneamente "apropriados ao ensino lúdico e práctico, à disciplina do espírito e aos trabalhos do laboratório. São também livros úteis dos cursos regulares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (recetas e preceitos) para praticar e operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das reacções dos corpos e da eletricidade indispensáveis à sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções das naturezas eocorram elementos que devem satisfazer ao seu espírito.

COIMBRA—Livraria França Amado, Rue Ferreira Borges, 115.

LIVROS

Publicaram-se os tomos 64 e 65 da HISTÓRIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e científico repositório da história da humanidade.

Dirigir pedidos para assinatura a MILLAUD, ALVES & C. —Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA.

6001 400 81

Carvão de Pedra

Para forja e para máquinas

Vende-se. Quem pretender dirigir-se a Pedro Carlos Lopes Martins R. do Prior 41 — a 49 — Faro.

ALMANACH BERTRAND

PARA 1917